

Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

A leitura na escola e a formação do leitor no Ensino Fundamental I.

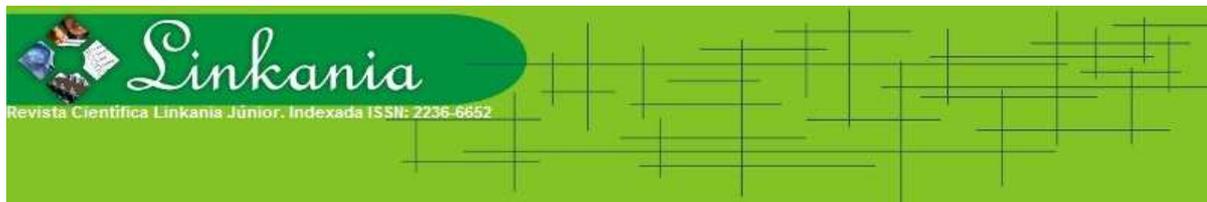
Thaís Oliveira Andrade¹

Resumo: A leitura é uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo, até porque a plenitude da razão está vinculada ao acúmulo de observações, leituras, pensamentos de gerações que já se foram e que nos passaram conhecimentos através da palavra oral ou escrita. A cultura é este acúmulo de informações armazenadas em diferentes etapas evolutivas, é na construção dos sentidos, seja pela fala, pela escrita ou pela leitura, está diretamente relacionada às atividades discursivas e às práticas sociais as quais os sujeitos têm acesso ao longo de seu processo histórico de socialização. A prática discursiva de leitura é um fenômeno social que ultrapassa os limites da escola, porém é na escola onde o aluno deve encontrar maior incentivo. O trabalho realizado por meio da leitura é muito mais que decodificação de signos lingüísticos, ao contrário, é um processo de construção de significado e atribuição de sentidos. Pressupomos que a leitura é uma atividade dialógica que ocorrem no meio social através do processo histórico da humanização.

PALAVRAS - CHAVE: Leitura, processo, socialização e sentido.

A leitura é concebida pelo estudo como uma necessidade humana, pois o homem é um ser social e em seu processo de retroações humanas, no contato com seus semelhantes, constrói processos de sociabilidades no mundo em que vive, por meio de linguagens, seus sentidos e significados. Por isso, é necessário valorizar o ensino da leitura no contexto da sala de aula, valorizando a participação com envolvimento do aluno, da família, da sociedade.

Desse modo, a formação do leitor na escola de Ensino Fundamental I e pensar sobre as práticas de leitura na escola exigem reflexões coletivas e individuais profundas. Nesse sentido, o ato da leitura deve ser inserido em nosso convívio desde que começamos a ter compreensão de tudo que nos rodeia. Sendo que, o exercício da leitura se faz presente em todos os níveis



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

educacionais da sociedade letrada, ler é uma prática cultural e social que leva o ser humano a apropriação do saber.

Além disso, a escola é o espaço das trocas de saberes e de transforma-

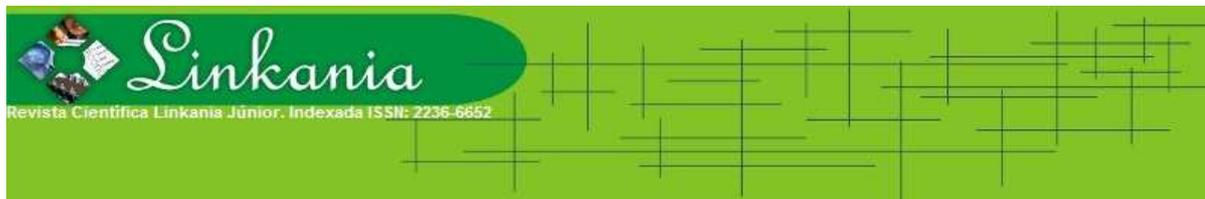
¹Professora, graduada em Pedagogia pela UESB, Pós-graduanda em Educação Infantil pela UESB.

ção social por meio da formação cidadã. Por isso, a escola deve se responsabilizar com a formação de sujeitos leitores e reconhecer a leitura como uma prática humana e de inclusão social do aluno,

Para tanto, as escolas precisam apresentar infra-estrutura para a conscientização da importância da leitura, pois essa prática pedagógica deve ser ação contínua, orientada e internalizada desde os primeiros anos de vida. A atividade a serem propostas na escola deve ter por objetivo desenvolver procedimentos eficazes de leitura para formar o leitor crítico-reflexivo, de maneira que venha estimular o aluno a ter prazer em buscar a leitura.

O professor entra nesta abordagem como mediador do conhecimento, para mediar às fontes de informações e conhecimento, agindo de um modo coletivo já que o saber se dá na troca de vivências e experiências. O hábito da leitura não se aprende de forma rápida e compulsória na escola. É algo que faz parte dos padrões culturais de uma sociedade. A escola contribui para estruturá-la, organizá-la e torná-la sistematizada, formalizada.

Porém, parece que a escola ainda não atende a esses propósitos sociais, não desenvolve mecanismos capazes de formar o leitor consciente, crítico, capaz de interpretar e compreender o que ler. E, muitas vezes, se percebe que o aluno nos espaços escolares não gosta de ler, não sabe ler. Esse ponto de fragilidade apresentado pela escola tem como resultados, o aluno que não gosta de estudar e faz parte da lista de abandonos, evasão e repetências na escola. Mas, o que provoca esse problema do aluno não gostar de ler? Por que a escola não consegue formar leitores? Muitos trabalhos sobre



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

leitura foram e são desenvolvidos através dos tempos, por pesquisadores e professores preocupados com essa questão; a mídia tem mostrado continuamente a importância da leitura e de se formar cidadãos crítico pela leitura. Então, por que isso acontece?

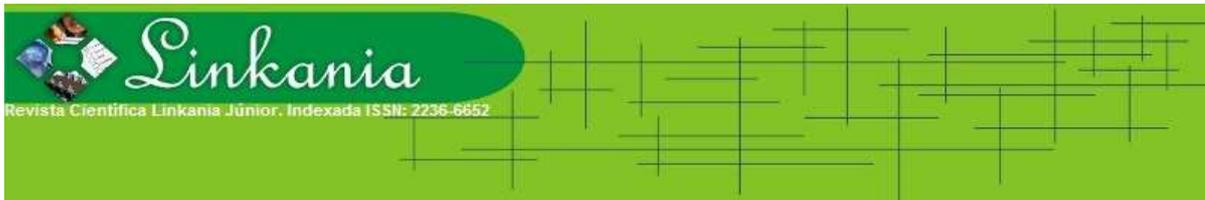
Introduzir a leitura no cotidiano e produzir o gosto pela leitura é algo que vem sendo discutido continuamente, por profissionais das diversas áreas do conhecimento e por pesquisadores que estudam o tema em questão.

Neste contexto, percebe-se que ainda não se consegue atingir os objetivos propostos pelos estudiosos dessa área de linguagem e educação, bem como todos os esforços e desempenhos de professores e estudiosos sobre leitura na escola. Ao que se vê, o aluno continua com sérias dificuldades em ler, interpretar e dar sentido completo a determinadas formas de leitura.

Esse trabalho pretende ser uma reflexão já que a leitura tem sido foco de atenção de estudiosos e pesquisadores, mas é preciso que continue em destaque para a conscientização de uma sociedade leitora, atualizada, consciente e informada. Nessa perspectiva, esta pesquisa aborda uma temática de extrema importância que é a leitura na formação do leitor crítico-reflexivo, acreditando que o ato de ler é tão necessário para o educando, quanto para o educador, pois a mesma possibilita a ampliação saberes e conhecimentos para a vida.

2.1 A leitura e a formação do leitor crítico: uma abordagem teórica

O estudo da leitura abrange amplas teorias e conceitos, pertencentes às inúmeras teorias do conhecimento. Apresentando-se como ação e não como um ato passivo, introduzida como uma abordagem multidisciplinar devido às diversas faces do processo dinâmico que é o ato de ler. A leitura é uma experiência e é decorrente de uma cadeia de ações, sentimentos, desejos,



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

conhecimentos armazenados, enfim, o ato de ler se enquadra como ato social e cultural.

A universalidade do ato de ler provém do fato de que todo indivíduo está conseqüentemente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem, de preferência, por intermédio de um alfabeto. (ZIBERMAN 1999, p.31).

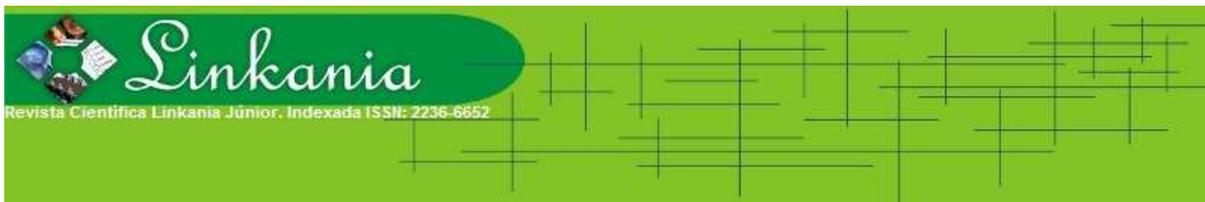
Ler é uma prática de cultura, aprender a ler é um processo para apropriação, como tudo que faz o ser humano, o ato de ler implica nas reflexões das práticas educacionais, os seus fins e seus métodos.

E quem ler poderá dar sentido de conjunto, globalizar e uma articular o que ler aos sentidos produzidos pelas seqüências, enfim, contextualizar, interpretar e compreender o mundo em que vive. Sobre essa finalidade da leitura, Ziberman (1999, p. 40) afirma que a leitura precisa ser uma prática “compreendida de modo amplo”, pois “a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”. É fato que a leitura conduz o sujeito que ler a qualificar toda relação com o real, o concreto e amplia o conhecimento e entendimento de mundo, bem como o acesso a informação com autonomia e criticidade.

Desse modo, para Ziberman (1999, p.43) “a leitura, quando inserida no processo social, renuncia a qualquer tipo de neutralidade”. Assim, a leitura depende de ensino e de sistematização do conhecimento para que as pessoas internalizem o sistema simbólico e possa utilizá-lo em várias circunstâncias. Logo chegamos ao século XXI com um grande desafio: tornar a leitura um bem cultural e de acesso a todos os seres humanos, entretanto, apenas decodificar símbolos, letras, signos não é leitura, apesar de fazer parte do ato de ler.

Mas para tanto, é necessário que o aluno na escola e na vida social, familiar, profissional entenda que:

Ler é apropriar-se de um produto cultural. Gerado intencionalmente por um ou mais agentes históricos. O ato de



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

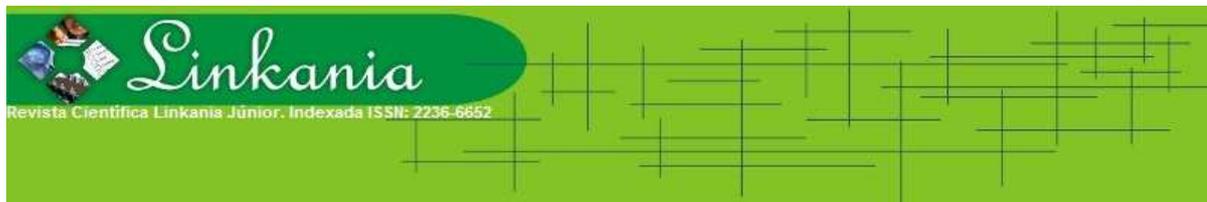
ler expande o leque de experiências do ser humano enquanto crianças ou adulto, percebendo novas formas de conceber o mundo e a si mesmo. São múltiplas as possibilidades de abertura de horizontes quando o ser se apropria do ato de ler. (THÉO 2003, p. 2).

Sobre esses aspectos, compreender o que está em jogo na leitura, também seria reconstituir as memórias históricas em obra nos diversos momentos da história cultural. É verdade que cada época constitui seus modelos e seus códigos diversos, segundo os grupos culturais. A leitura é um dado, uma aquisição da qual organiza - se a produção de sentido.

É fundamental, portanto, a escola entender que, na formação de cada cidadão bem como de um povo, a leitura é necessária e importante, pois torna-se umas das vias no processo de construção do conhecimento e de saberes múltiplos, como fonte de informação e formação cultural.

Do mesmo modo entender que a sociedade produz cultura e o hábito de leitura não se aprende de forma compulsória na escola, sem gosto e sabor pelo ato de ler. É algo que faz parte dos padrões culturais de um país, de uma comunidade, grupo social e uma atividade que se inicia no núcleo da educação informal que é a família e encontra sustentação na vida comunitária. A escola é o espaço que “contribui para sedimentá-lo, mas não para lhe dar projeção na história do indivíduo” (MELO 1999: 73). Logo, o hábito da leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se na escola e continua vida a fora.

Nesse sentido, a prática da leitura é um acontecimento social que ultrapassa os limites da escola, entretanto, é onde o aluno deve encontrar maior incentivo. Por outro lado, o hábito da leitura se forma mesmo antes que a criança comece a ler, pois a mesma já chega à escola com suas vivências internalizadas do meio social no qual está inserido e a família tem papel fundamental na construção do leitor ativo.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

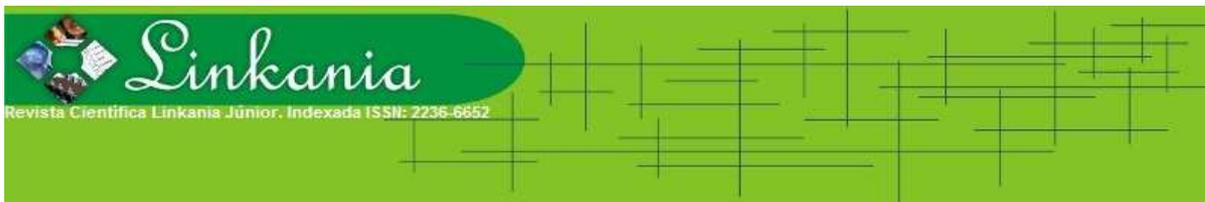
Na escola, além das técnicas didáticas dos professores com práticas de leitura, é importante ressaltar que um aspecto muito relevante na formação de um bom leitor é a importância da família nesse processo.

Com efeito, cabe aos pais estimular e incentivar seus filhos através de livros, contos, literatura infantil e também ter o hábito de ouvir histórias contadas por seus entes queridos. Pois, a linguagem da literatura infantil, leva as crianças a conhecerem um mundo imaginário. Em outras palavras, o leitor-crítico é formado por uma criança ouvinte, já que ela faz relação do que escutou e observou com o mundo a sua volta.

Sobre esse aspecto, a família tem uma função chave: a de incentivar e colocar nas mãos das crianças fontes de conhecimento, não esperando apenas que a escola supra essa necessidade. No entanto, o número de pais que compreendem essa necessidade é pequeno, observa-se que o apoio da família é importantíssimo para a formação do bom leitor e incontestável em todo processo educacional.

Sem deixar de enfatizar que “para a criança que, enquanto não lê, depende exclusivamente da voz adulta que decodifica o mundo a seu redor para ela, também a aprendizagem da leitura repercute enquanto uma possibilidade de emancipação” (ZIBERMAN 1999, p.38). A conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação da sociedade, a leitura faz parte da vida, além do mais, deve ser considerada uma atividade de construção de sentidos, sua compreensão está intimamente ligada no uso comunicativo.

Nesse sentido, a escola é a entidade que tem a função latente e manifesta de ensinar a ler e oportunizar aos educandos situações de ensino-aprendizagem que venha a contribuir para a formação do sujeito e determine sua condição de atuante em seu meio social, propiciando caminhos para que eles aprendam de forma consciente e consistente, os mecanismos de



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

apropriação de conhecimentos. A escola efetivamente é uma fábrica de leituras e leitores que pode ser convenientemente trabalhada para gerar leitores reflexivos e críticos.

A instituição escolar deve organizar, criar e adequar em suas metodologias e matriz curricular propostas e estratégias efetivas de leitura, que favoreça a formação de leitores competentes. Enfocando a reflexão de suas práticas para o ensino da leitura, tentando ajustar sua didática ao aprendizado completo do aluno.

Maria Lajolo afirma que:

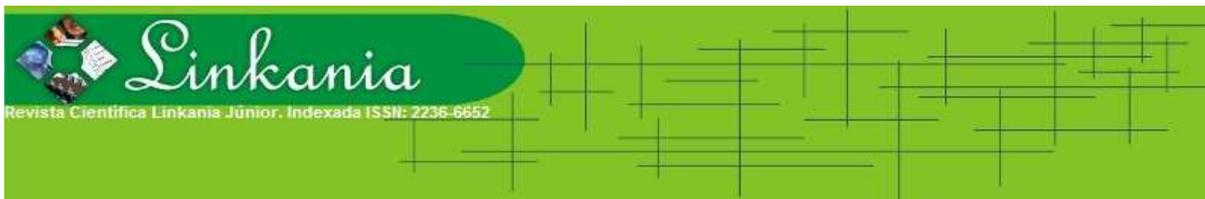
Se algumas metodologias e estratégias propostas para o desenvolvimento da leitura parecem enganosas por trilharem caminhos equivocados, o engano instaurou-se no começo do caminho, a partir do diagnóstico do declínio ou da inexistência do hábito de leitura entre os jovens (2004, p. 107).

Interessante notar, que é de suma importância o papel e a mediação dos educadores para a formação do gosto literário. Cabe ao professor estabelecer, propor, buscar e apontar o avanço. Para isso, é preciso problematizar o conhecimento, transformando-o em um desafio que propicie o movimento e a busca pela conscientização, que permitirá ao indivíduo uma reflexão mais cuidadosa em relação aos atos sociais no qual convivem diariamente.

Logicamente que o gosto pela leitura e seu entendimento global não vai ocorrer “em um passe de mágica”, por isso que a escola e o professor que é o mediador do conhecimento concorrem a todos os estímulos e desestímulos para a formação do leitor constante e reflexivo.

2.2 A leitura e a construção de conhecimento na escola da Educação Básica

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo tão logo nascemos começamos a ler, é neste contato com o mundo externo que começamos a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

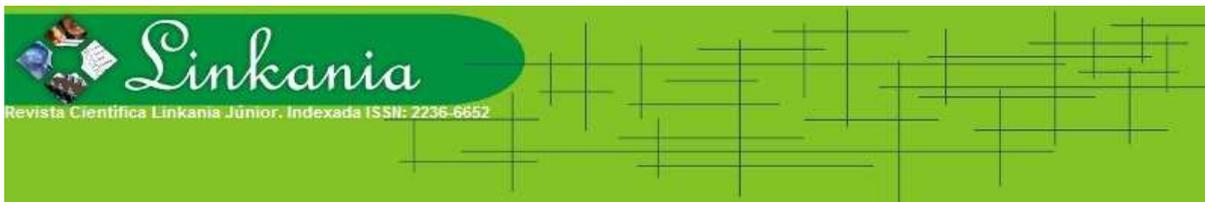
Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

Essas primeiras ações são também os primeiros passos para aprendermos a ler. Assim, entende-se que a leitura é um dos caminhos para a inserção no mundo e satisfação das necessidades do ser humano. Pois, lemos para nos comunicar, aperfeiçoar, nos informar, adquirir conhecimentos, recreação, prazer, cada um tem sua maneira de ler tem sua especificidade, relaciona-se geralmente com a escrita, e o leitor visto como um decodificador da letra.

E a linguagem é o meio pelo qual o ser humano consegue expressar-se, defender suas ideias, enfim, interagir com o outro. A evolução histórica da linguagem, a própria estrutura do significado e sua natureza psicológica mudam de acordo o contexto vivido, então quanto mais cedo se inicia o processo de aprendizagem de leitura, mais chance terá o futuro cidadão de nunca abandonar o hábito de ler.

Segundo Roussau (2000, p.115) “uma criança só encontrará motivos para ler, só se interessará e gostará de ler se lhe pusermos nas mãos leituras que incitam o prazer de ler e a sua utilidade”. Quando as crianças são pequenas tudo parece mais fácil, vivem um período de intensas descobertas, é nesta fase que se deve incentivar a criança ao gosto literário, tanto na escola como no âmbito familiar. Já que ao ser alfabetizada, ao aprender a domar as palavras, ao iniciar um relacionamento com os livros, a criança pode começar gradualmente ser fidelizada como uma leitora assídua, pois ler é uma competência importante, vai mais além da identificação de palavras, mas sim de fazê-las ter sentido, compreensão, além de relacionar e reter o que for mais relevante.

Neste contexto Lima (2007, p.5) ressalta que “há mais de 4 milênios, que adultos têm ensinado crianças e jovens a ler com sucesso”. Sendo que, desde sua invenção, a escola permanece como um espaço de ensino das novas gerações e tem sido bem sucedida já que a função primordial da escola seria



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

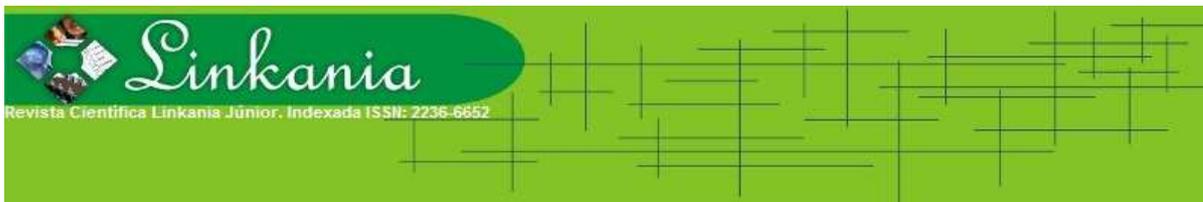
Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos, assim como a de possibilitar que os alunos atuem criticamente em seu espaço social. Mostrando que a sala de aula tem todas as condições para se tornar “um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para intercâmbio da cultura literária”, por isso, todo o esforço feito pela família e, em especial, na escola, para promover a leitura será benéfico para a construção do leitor crítico-reflexivo.

É preciso lembrar que a educação do ser humano envolve sempre dois fatores: formação e informação, devido a isso os conhecimentos transmitidos as novas gerações devem ser trabalhados com os valores e costumes para que ocorra a sobrevivência e evolução da cultura. Porém, a escola que é a entidade responsável pela incumbência de ensinar a ler, muitas vezes expõe as práticas de leitura aos alunos como algo obrigatório, transformando-se em mero dever escolar, logo, longe de criar leitores afastará as crianças do gosto pela leitura.

Nessa perspectiva, a sala de aula tem condições para se tornar “um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura” (ZIBERMAN 2003, p.16). O aluno precisa ser incentivado e instigado e expor suas ideias, a comunicar-se com liberdade, com clareza, assim a leitura poderá ser prazerosa e, capaz de levá-lo ao gosto pelo hábito de ler.

No Brasil, não temos tradição cultural, no que diz respeito à leitura, vive-se em uma sociedade que pouco valoriza, desenvolve e estabelece tais práticas se levarmos em consideração o desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos. Neste sentido, a escola, mais especificamente, o professor, necessita estabelecer vínculos prazerosos com a leitura, buscando o prazer, o lazer e o conhecimento.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

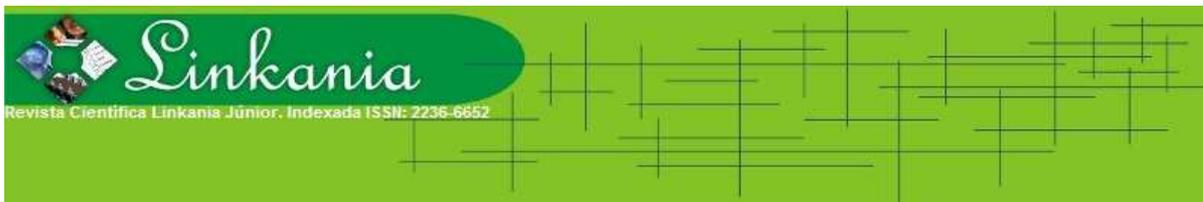
Neste íterim, é de suma importância à intervenção dos educadores para a formação do gosto literário, cabe ao professor romper o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço. Logicamente a formação e a transformação do gosto pela leitura serão construídas e praticadas entre professor e aluno.

A leitura faz parte da vida. Com isso, sua prática deve ser envolvente e cativante a ponto de gerar necessidade e satisfação pessoal. Devemos proporcionar aos alunos um convívio com a leitura do mundo e privilegiar a leitura, oportunizar que ela cumpra seu papel: alargar, por meio da leitura dos signos, a leitura do mundo e privilegiar a leitura para a aquisição de conhecimento, entender como um processo histórico-social que promove e capacita o indivíduo acreditar que o ensino de uma leitura crítica é um componente do processo de desenvolvimento e conscientização, que permitirá ao indivíduo uma reflexão mais cuidadosa em relação aos atos sociais nos quais estão inseridos. O gosto pela leitura será despertado se a criança exercitar a leitura diariamente, de forma agradável, compreensiva e confortável.

O ato de ler é uma atividade de questionamentos, de reflexão crítica, de mensagens, conteúdos, entendimento, de capacitação de símbolos e signos. É um exercício de intercâmbio, uma vez que possibilita relações intelectuais e entendimentos sobre nossa realidade.

Se for relativamente fácil constatar a presença de leitura na escola, torna-se um pouco difícil discutir as condições concretas de produção de leitura. A relevância e a necessidade do ato de ler para professores e alunos são irrefutáveis, porém, é necessário analisar as condições favoráveis (ou não) e de que forma a leitura é conduzido pelo professor no contexto escolar.

Por um lado, é possível vislumbrar a “educação como um subproduto do ensino”, isto é, como uma consequência previsível a partir da assimilação de certo estoque de conhecimento. Por outro, parece bastante defensável a perspectiva do “ensino como subproduto da educação”, uma ótica que coloca a



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

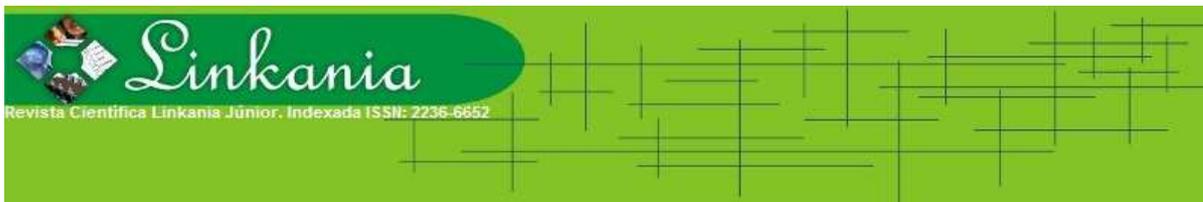
aprendizagem a serviço do alvo maior de formação do homem e, portanto, que ultrapassa a mera aquisição do saber, segundo Gusdorf (1978).

Por um lado, a formação escolar do aluno na Educação Básica que são sujeitos da situação de discurso, é refletiva nas concepções que têm sobre a leitura ou sobre o ensino aprendizagem. A especificidade da situação de leitura na educação básica é determinante nas relações interativas que ocorrem entre os componentes, que são os alunos e professores.

As atividades pedagógicas têm sido tradicionalmente veiculado a transmissão de conhecimento para o contexto institucional da escola. Na escola, o saber, selecionado, é classificado em níveis, devendo ser absorvido pelo aluno de forma gradativa. Então, a leitura se enquadra na educação básica como conhecimento que se adquire em um processo constante de aprendizagem.

A humanidade se desenvolve constantemente, e como não poderia deixar de ser, essa evolução depende muito do desenvolvimento da educação. Partindo do ponto sócio cultural do aluno em relação ao processo de ensino aprendizagem, é necessário repensar a grade curricular e métodos pedagógicos que são utilizados em sala de aula em escola de educação básica, já que esse nível de ensino é o que direciona o educando a percorrer caminhos futuros.

Pois, o desenvolvimento da leitura desenvolve-se processualmente, o gosto e o hábito da leitura acontece paulatinamente e deve ser trabalhado interativamente com as demais disciplinas curriculares, tentando buscar sempre novas ferramentas capazes de ajudar na transmissão do conhecimento. Focando intencional a formação de leitores assíduos e sujeitos do conhecimento, despertando no aluno o prazer pela leitura.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

2.3 Saberes pedagógicos, formação do indivíduo-sujeito e a leitura na escola do ensino fundamental

O papel do professor no processo ensino – aprendizagem deve ser compreendida em uma íntima relação com o trabalho deles na escola e na sala de aula. Pois, a atuação do docente já não é a mesma do passado. Antes, ele detinha “todo” o conhecimento e depositava aos seus alunos, os estudos eram passados para eles sem reflexão ou criticidade.

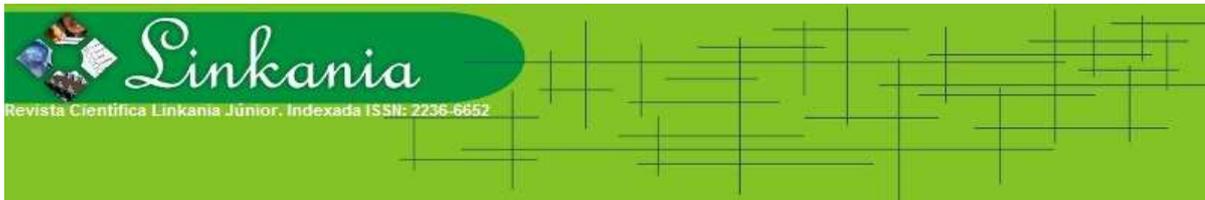
Atualmente, o professor é visto como o mediador do saber, ele não se apresenta verticalmente. O professor em sala de aula deve ser o mediador do conhecimento, devendo existir sempre uma troca de saberes e ideias entre professor e aluno.

Enfoca Barreto (2000) que

O professor hoje é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar a outrem o que aprendeu. Porém, não se trata aqui daquele ensinar passivo, mas do ensinar ativo no qual o aluno é sujeito da ação, e não sujeito-paciente. Em última instância, é preciso ficar evidente que o professor agora é o formador e como tal precisa ser autodidata, integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, gerador de conhecimento, difusor de informação e comprometido com as mudanças desta nova era.

Logo, as práticas metodológicas do professor precisam estar embasadas nos alunos. Sobre esse assunto, Tardif (2002, p.22) afirma que “as ideias de trabalho interativo, ou seja, um trabalho onde o trabalhador se relaciona com o seu objeto de trabalho fundamentalmente através da interação humana”. Procurando compreender as características humanas que marcam as vivências e os saberes dos componentes centrais dentro de uma sala de aula, no caso, o professor e aluno.

Ainda aponta Tardif (2002, p. 31) que “parece banal, mas um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

transmitir esse saber a outros”. Logo, o conjunto dos processos e informações que estão inclusos na sociedade com base nos saberes dos docentes, evidencia que os grupos e corpos docentes para realizarem os processos educativos na educação básica em vigor, são instigados a definir sua prática metodológica em relação aos saberes que possuem e transmitem.

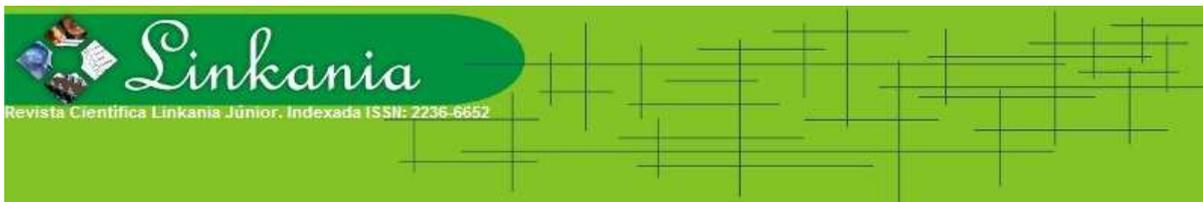
Nessa perspectiva, nota-se que a prática docente não é apenas um objeto de saber na educação básica, ela é uma atividade que mobiliza diversos campos dentro da sala de aula, então, deve ser conduzida na base dos sistemas de orientação educativa.

Por isso, os professores no exercício de suas funções e na prática de sua profissão desenvolvem saberes, baseado em seus trabalhos diários e no conhecimento de seu meio. Logo, ensinar é uma questão de personalidade, uma pessoa que é capaz de tomar iniciativas, de se interessar pelos seus alunos, de dialogar com eles, de fazer projetos, pode estar inserindo na sala de aula, didáticas que envolva as práticas de leitura para a formação do leitor crítico – reflexivo.

Neste contexto, é extremamente necessária a intervenção dos educadores na formação do gosto literário, cabe ao professor romper com o estabelecido e buscar novos avanços. Além do mais criar estratégias que incentivem o aluno a buscar mais conhecimento e que junto com o conhecimento venha o prazer pelo fazer e aprender.

Para que isso aconteça à prática do professor deve ser envolvente e cativante a ponto de gerar satisfação pessoal. Proporcionando aos alunos um convívio diário com a leitura, além de oportunizar que ele cumpra seu papel, que alargue por meio da leitura de símbolos e signos, a leitura do mundo, privilegiando assim a leitura para a aquisição do conhecimento.

Acreditar que o ensino de uma leitura crítica é um componente do processo de desenvolvimento e conscientização, que permitirá ao indivíduo



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

uma reflexão cuidadosa em relação aos atos sociais nos quais estão inseridos. Tal fato vem complementar, que a condição primeira para que isso aconteça é que o professor também goste de ler, tenha preparo teórico e metodológico para selecionar materiais interessantes, que leia para e com seus alunos, seja paciente para ouvir as leituras que fazem do texto estudado e/ou que venha produzir.

Com a expressão “preparo teórico e metodológico”, refiro-me às questões do ensinar e aprender, no âmbito escolar, como processo específico e intencional de organizar e propor situações para que ocorra determinada aprendizagem.

Segundo Tardif (2002, p. 39) essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática.

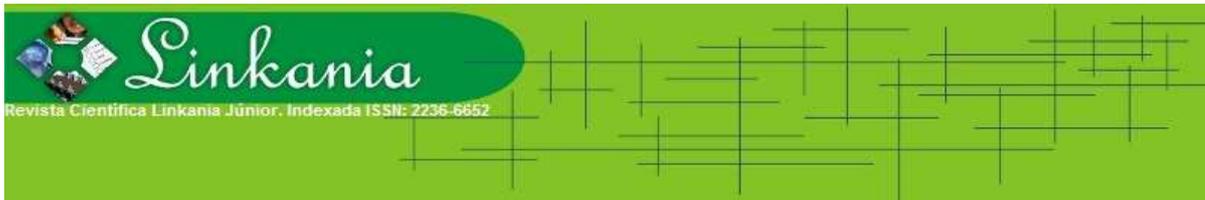
Essa explicação de Tardif mostra que o professor não deve se preocupar apenas com o conhecimento através da absorção de informações, mas também, com a construção do aluno em relação à cidadania, com a formação da condição humana e social do aluno.

Ressalta Abreu e Masseto (1990, p.115) que

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Portanto, o trabalho do professor na escola e na sala de aula deve mostrar que seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura. O corpo docente da escola deve ser composto por profissionais capazes de assumir os processos de aprendizagem individuais e coletivos para constituir a base da cultura.

De acordo com Tardif (2002, p.49) que:



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

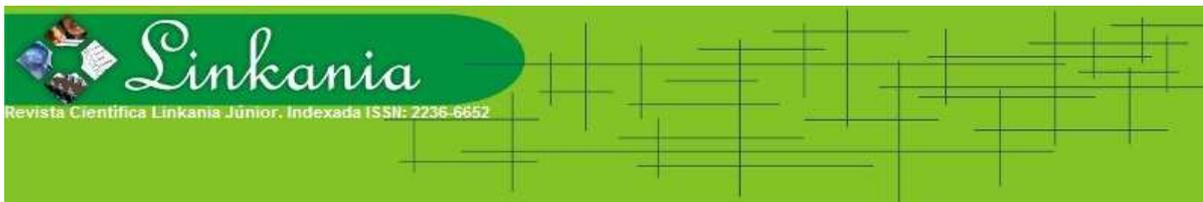
O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante.

Não podemos jamais pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual e unilateral, o conhecimento é produto do exercício humano, marcado socialmente e culturalmente. E o professor não é o detentor do saber indiscutível, pronto e acabado, mas o mediador e intermediário do saber, entre os conteúdos da aprendizagem e as atividades construídas por assimilação.

Deste modo, o conhecer e o aprender se tornam mais interessantes, quando os alunos se sentem seguros pelas atitudes e métodos de motivação e incentivo em sala de aula. Parece que, para que isto ocorra constantemente é necessário que o professor desperte curiosidade nos alunos, acompanhando sempre seu desenvolvimento e tornar-se o articulador do conhecimento, mostrando e apontando como a leitura se distingue das outras atividades do homem.

Sobre essa questão, Moraes (1996a, p. 112) explica que:

Falando de leitura, é comum confundir a capacidade de leitura, os objetivos da leitura, a atividade de leitura e a *performance* de leitura. A *performance* de leitura é evidentemente o resultado, o grau de sucesso de atividade de leitura. A atividade é o conjunto de eventos que se passa no cérebro e no sistema cognitivo que o cérebro suporta, assim como nos órgãos sensoriais e motores. Os objetivos da leitura são a compreensão do texto escrito e/ou o alcance de uma impressão de beleza. A capacidade é aquela parte do conjunto dos recursos mentais que nos mobilizamos ao ler e que é específica da atividade de leitura, ou seja, não é posta em jogo nas outras atividades.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

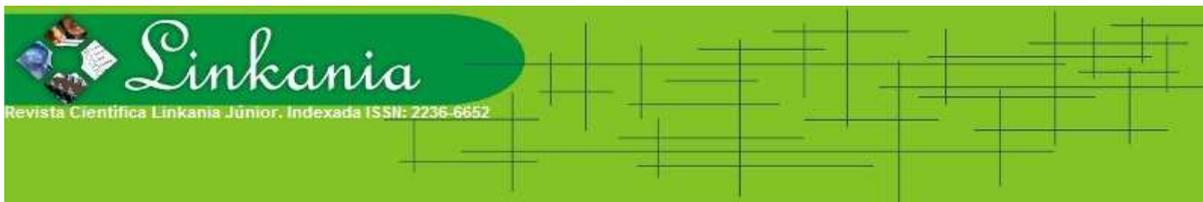
Para tanto, o professor deve tomar posse de uma metodologia adequada para transmitir ao aluno o conhecimento global necessário à compreensão do sentido sobre o que realmente é a leitura. Nessa perspectiva, o professor como mediador da aprendizagem deverá focar o que pretende ensinar ao seu aluno, quais os objetivos do que se pretende ensinar, o que se diferenciam. Como também deverá trabalhar separadamente cada ponto fundamental para proporcionar ao aluno uma leitura completa e com sentido.

Mas parece que a prática da escola mostra que geralmente não se tem consciência dos mecanismos que se utiliza na leitura e quais recursos e metodologias devem ser desenvolvidos para estimular e incentivar os alunos a gostar de ler. Do mesmo modo, o professor deve entender que não é por ter a impressão direta e imediatamente consciente do sentido daquilo que lemos, que essa compreensão não é o resultado de uma atividade complexa.

Ainda Ricon e Almeida (1991) ressaltam “a necessidade de os professores privilegiarem a elaboração e a sistematização de conteúdos atuais e abrangentes de leitura, sugerindo o repensar da própria postura profissional, alicerçada numa perspectiva crítica”.

Pois, quando a postura do professor e suas atitudes o conduz à entender que o ensino da leitura em sala de aula proporciona a reflexão crítica do aluno, então a leitura passa a ser compreendida como um ponto fundamental para desestruturar o discurso da sociedade e sua reprodução nas instituições culturais.

A leitura, nesse sentido, é entendida como uma prática social que não se resume a educação sistematizada, mas na relação de conhecimento que o indivíduo possui com o mundo, atçando aos participantes à busca nas diferentes formas de compreensão e de reconstrução do conhecimento, transformando sua realidade e a de todos ao seu redor e, conseqüentemente, a si próprio.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

2.4 Os Parâmetros Curriculares Nacionais: o que falam sobre leitura na escola?

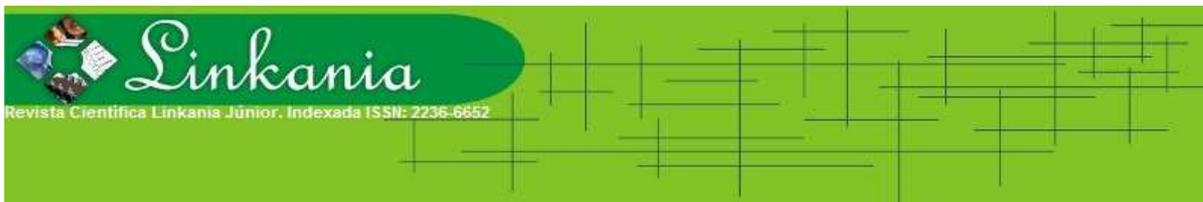
Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN são instrumentos de apoio pedagógico na escola com objetivo de contribuir com as discussões, reflexões, planejamentos e práticas educativas dos professores na sala de aula e noutros espaços escolares.

Desse modo, os Parâmetros de Língua Portuguesa referentes ao ensino fundamental tem como objetivo auxiliar na execução do trabalho do professor no qual se refere às quatro primeiras séries da Educação Fundamental. Compartilhando o esforço diário de fazer com que as crianças dominem o conhecimento de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel na sociedade.

Nesse sentido, o propósito do Ministério da Educação e do Desporto, ao consolidar os Parâmetros, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres. Sendo que os Parâmetros, quando utilizados pelo professor de modo adequado, podem ser considerados instrumentos úteis no apoio às discussões pedagógicas na escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento de aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático. Além do mais, esses documentos podem contribuir com a atualização profissional do professor e apontar meios didáticos que possa ajudar o professor a melhorar suas metodologias em sala de aula em prol da aprendizagem e do conhecimento.

Considerando-se, nessa perspectiva, que os PCNs BRASIL (1997, p.19):

Desde o início da década de 80, o ensino da Língua Portuguesa na escola tem sido o centro das discussões



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

acerca da necessidade de melhorar a educação no País. No Ensino Fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais – inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres – estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

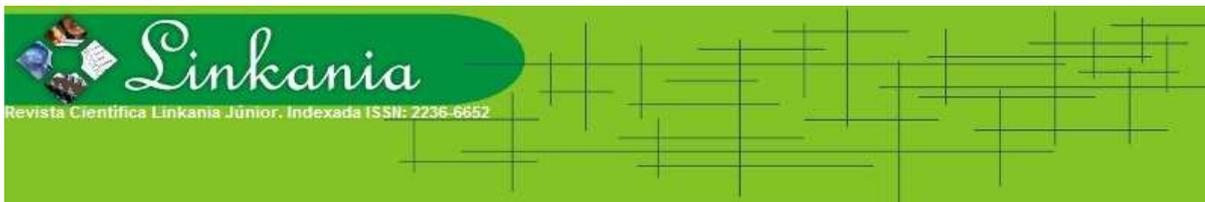
Deve ser ressaltado, nesse sentido, que os Parâmetros de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na escola, tornam-se instrumentos que permitam considerar o ensino da língua vernácula como resultado da articulação de três elementos variáveis: o aluno, a língua e o ensino. O primeiro desse triângulo, o aluno, é o sujeito que age sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a Língua Portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola. E o terceiro ponto é o ensino, concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento.

Desse modo, os PCN BRASIL (1997, p. 30) vem mostrar que

toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação ao exercício da reflexão.

Neste contexto, ao longo de nove anos do Ensino Fundamental, espera-se que os alunos adquiram gradativamente competências em relação à linguagem que lhes possibilite alcançar a plena participação no mundo letrado, sendo que a prática da leitura na escola é, sobretudo, necessária, por que ler ensina a ler e a escrever.

Para tanto, aborda-se nos PCNs BRASIL (1977, p. 53) que o trabalho do professor na escola com a leitura “tem como finalidade a formação de leitores



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática da leitura”.

Essa interpretação do trabalho pedagógico e docente com as práticas de leitura na escola transforma o sentido e significado da leitura, definindo-a como processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo na construção do significado, não se trata simplesmente, de extrair informações de escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se, portanto, de uma atividade que exige compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

Ainda de acordo ao PCN BRASIL (1997, p.54)

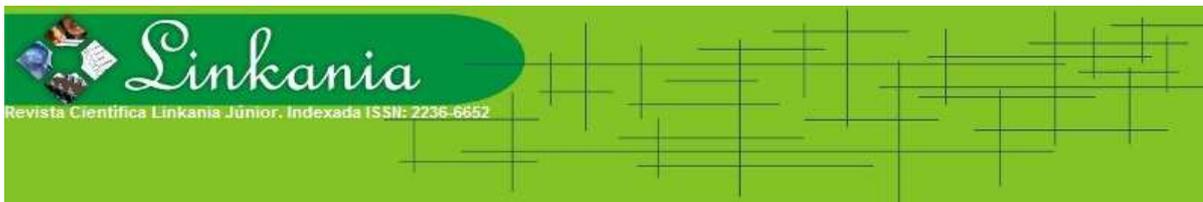
formar leitores competentes supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Contudo, um leitor competente só pode crescer mediante uma prática constante de leitura, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de leituras que circulam socialmente.

Neste sentido, os PCN BRASIL (1997, p.54) apontam que

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la.

Essa compreensão de leitura na escola pelos PCN BRASIL mostra que o conhecimento atualmente discutido a respeito de processo de leitura indica que não deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação, ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando procedimentos que os bons leitores utilizam. Assim,



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

significa que é preciso que antecipem as ações do ato de ler e que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, pois, uma prática de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato.

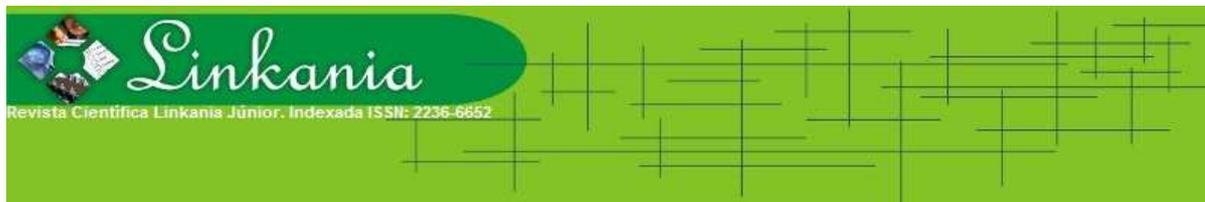
Sobre essa explicação, nos PCN (1997, P. 58) vê-se que “para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muitos mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforços.

Para tanto, a escola precisa fazer o aluno compreender que a leitura é algo interessante e uma prática desafiadora, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência ao indivíduo-sujeito. Então, deve desenvolver suas práticas pedagógicas e sócio-educativas, utilizando recursos e técnicas metodológicas que favoreçam a formação de alunos confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”.

Por isso, deverá explicar ao aluno que a prática de leitura, quando valorizada como ato complexo, mas necessário ao conhecimento e produção de saberes permite despertar e cultivar o desejo de ler. Portanto, é necessário desenvolver práticas pedagógicas eficientes na sala de aula e noutros espaços da escola.

Desse modo, entende-se que formar leitores é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto da leitura, entretanto não são os únicos meios de aprendizagem.

Contudo, os PCN BRASIL (1997, p. 57) apontam que “a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo,



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

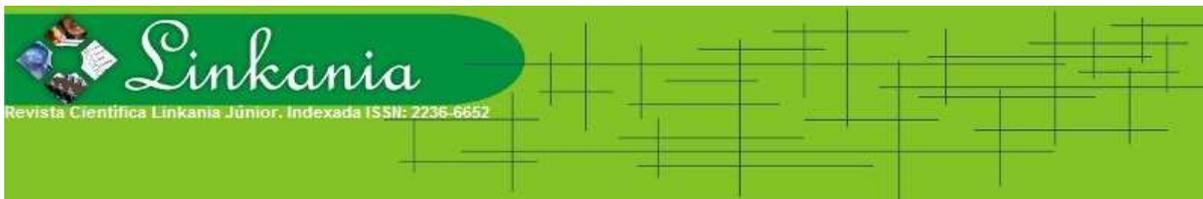
Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

a uma necessidade pessoal”. E que o trabalho com leitura tem por finalidade a formação de leitores críticos e reflexivos que possam agir no meio social. Portanto, na formação de leitores, é necessário dominar as diferentes estratégias de leitura (decodificação, antecipação, inferência, coesão e verificação), para adequá-las aos diferentes objetivos e situações presentes no mundo letrado.

Em relação à leitura, os momentos de aprendizagem precisam ser realizados em um contexto no qual o objetivo, seja a busca e a construção do significado global da leitura, e não simplesmente a decodificação.

Pois, atualmente a leitura se faz presente em todos os níveis educacionais da sociedade letrada, acontecendo não só na escola, mas em todos os ambientes permissíveis como: em casa, na rua, no trabalho, no banco da praça, etc.

Portanto, a leitura é um instrumento de acesso à cultura e a aquisição de conhecimentos, por esses e outros motivos, deve ser sempre incentivada e aplicada não só na escola mais em todo o campo social, como nos ambientes familiares, de lazer, dentre outros. Mas incentivado, nos primeiros momentos da vida da criança, pela família e, posteriormente, na escola. Mas toda a sociedade deverá empenhar-se para incentivar a leitura e formar leitores críticos e conscientes, capazes de ler o mundo que os cerca.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

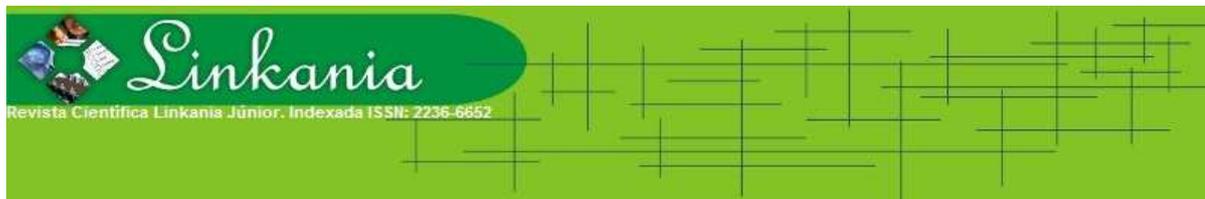
Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices/** Fanny Abramovich. – São Paulo: Scipione, 1997. – (Pensamentos e ação no magistério).

BARRETO, Cintia. **Relação professor/aluno.** Disponível em:
www.scielo.com.br

BELINTANE, Claudemir. **Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca além**



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

da polarização. Disponível em: www.scielo.com.br

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetro curriculares nacionais**: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p.

CAMPOS, Marli Savelli. **Leitura à Aprendizagem**. Disponível em: www.mscomp.wordpress.com

COLELLO, Silvia M. Gasparina. **Educação e Intervenção Escolar**. Disponível em: www.hottpos.com

CUNHA, Valdir. **O papel da escola no desenvolvimento da leitura e na formação do leitor**. Disponível: www.pontoporponto.org.br

ELIAS, Marisa Del Cioppo. De Emílio a Emília - **A trajetória da alfabetização** / São Paulo: Scipione, 2000. - (Pensamento e ação no magistério).

HELENA, Maria Martins. **O que é leitura** - Brasiliense, 2003. ISBN 8511010742. Coleção Primeiros Passos 74.

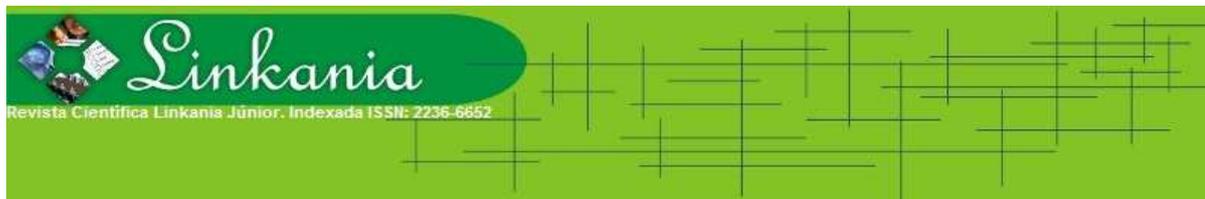
ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: 34, 1996, v.1.

Leitura: práticas, impressos, letramento / Antônio Augusto Gomes Batista, Ana Maria de Oliveira Galvão (organizadora). - 2 ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 168p. (linguagem e educação) ISBN 85.86583-46-4.

LIMA, Elvira Souza. **Neurociência e leitura** – São Paulo: Inter Alia, 1997. – (Neurociência e Leitura).

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprender a Ler e a Escrever** / Elvira Souza Lima – São Paulo: Inter Alia, 1997. – (Quando a criança não aprende a Ler e a Escrever).

MELO, José Marques. Sociedade e Democratização da Leitura. IN BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1999.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Ano 2 - Nº 2 - Fevereiro/Março de 2012

PEREIRA, Antônio. **As atividades de lazer dos jovens. Qual o papel da família?** Disponível em: www.efdporte.com

PEREIRA, Izaildes. **A importância da leitura nas séries iniciais.** Disponível em: www.wevartigos.com

PICANÇO, Zilda Ferreira. **A importância da leitura e sua aplicação no Ambiente Escolar.** Disponível em: www.portalmec.gor.br

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura;** trad. Cláudia Schilling – 6 ed. – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. Ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Sociedade e Democratização da Leitura. IN BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de Leitura.** Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THÉO, Irismar Oliveira Santos. Leitura processo de aprendizagem. **Revista de educação CEAP** – Ano 11 – nº 41 – Salvador, Junho/2003 (p.59/66). Disponível em: www.nead.uncnet.br .

YUNE, Eliana (Org.). **Pensar a Leitura: complexidade.** Rio de Janeiro: Loyola, 2002.